CONSIDERAÇÕES

SOBRE A

CHOLERA-MORBUS EPIDEMICA

NO

HOSPITAL DE S. JOSÉ DE LISBOA.

CONSIDERAÇÕES

SOBRE A

CHOLERA-MORBUS EPIDEMICA

NO

HOSPITAL DE S. JOSÉ DE LISBOA

PELO

DR. PEDRO FRANCISCO DA COSTA ALVARENGA

DIRECTOR DAS ENFERMARIAS ESPECIAES DE CHOLERA
NO HOSPITAL DE S. JOSÉ
ETC., ETC.



LISBOA
IMPRENSA NACIONAL
1856.

Illmo e Exmo Sr.

Tendo em maio proximo passado a cholera-morbus epidemica, que grassa no hospital de S. José desde outubro de 1855, assumido maior extensão e intensidade, e desejando V. Ex.ª saber se n'este estabelecimento de caridade ha algum foco de infecção, ou circumstancia especial, que dê conta de sua persistencia, e quaes os meios de exterminar aquella terrivel doença, ou pelo menos de impedir o seu progresso e minorar-lhe a extensão e intensidade, tratei logo, como me cumpria na qualidade de director das enfermarias especiaes de cholera, de estudar esta doença sob os differentes pontos de vista, mas com particularidade em respeito á sua etiologia e modo de propagação, sobre cujo conhecimento devem assentar as medidas, que na actualidade me parecem mais adequadas ao hospital de S. José, se não para o abrigar inteiramente do flagello, ao menos para o collocar em estado de lhe offerecer maior resistencia.

É, pois, o resultado de minhas investigações e estudo sobre aquelles dois pontos de assumpto tão grave que eu tenho a honra de levar ao conhecimento de V. Ex.ª

Em tempo opportuno apresentarei a V. Ex.ª um relatorio detalhado da epidemia, em que ella será considerada sobre todos os pontos de vista que offerecerem interesse.

Deus guarde a V. Ex.ª—Enfermaria especial de cholericos, em 31 de maio de 1856.

Ill.mo e Ex.mo Sr. Conselheiro
Enfermeiro-Mór do Hospital
de S. José e annexos.

Dr. Pedro Francisco da Costa Alvarenga.

CONSIDERAÇÕES

SOBRE A

CHOLERA-MORBUS EPIDEMICA

NO

HOSPITAL DE S. JOSÉ DE LISBOA.

Continua a capital a ser a residencia da predilecção da cholera-morbus. Apparecem os resultados de sua invasão em diversos pontos da cidade, sendo um dos mais flagellados o hospital de S. José.

A extensão da epidemia não tem sido extraordinaria; o que prende sobremodo a attenção é a sua permanencia no hospital, e por que a doença tendo abandonado este estabelecimento, reappareceu, fez uma subita explosão, e tem persistido tão pertinazmente.

Investiguemos, pois, a causa do phenomeno; vejamos se no hospital de S. José ha alguma circumstancia especial, apreciavel, clara, que dê conta da invasão, progresso, terminação e recrudecencia da doença.

Estando nós encarregados da direcção das enfermarias de cholera desde abril passado, incumbia-nos fazer quanto antes este exame, e por isso apressâmo-nos em apresentar já com toda a franqueza o juizo, que temos formado sobre este grave assumpto, fundando-nos nos resultados de nossas proprias investigações. Em tempo competente daremos a esta materia o desenvolvimento que ella comporta, e da qual agora apresentâmos apenas o delineamento.

Quando se estuda a parte etiologica de uma doença, mórmente epidemica, que rebentou em um estabeleci-

mento, em que se acha reunido grande numero de individuos, e com muita particularidade em um hospital, uma das primeiras cousas que occorre ao observador é a investigação das circumstancias, que dizem respeito á accumulação e ás más condições hygienicas de qualquer outra ordem. O medico afana-se, forceja por achar n'estas condições o nucleo, o ponto de partida, a causa primitiva do desenvolvimento epidemico; magoa-se, confrange-se, se não póde, com alguns visos de verosimilhança, ao menos, invocar alguma circumstancia anti-hygienica para dar a rasão sufficiente da evolução da doença em questão. Se ao contrario encontra no estabelecimento ou localidade alguma d'aquellas condições, aponta-a logo e julga ter satisfeito a todas as exigencias da etiologia; suppõe que com a sua descoberta póde responder a todas as questões relativas á irrupção da doença. É uma propensão de nós todos, e o que nos deve maravilhar é que ainda appareça alguem que lhe não obedeça cegamente, que tenha força para lhe resistir.

A accumulação de individuos, principalmente doentes, é, na verdade, uma das causas mais poderosas de adulteração do ar; e o ar d'este modo viciado é uma das causas pathogenicas mais energicas que se conhecem. É um facto bem sabido, e de que a historia offerece frisantes exemplos.

Estabelecido este principio, póde a accumulação de doentes figurar na etiologia da cholera-morbus no hospital de S. José? Seria ella a causa determinante, ou pelo menos occasional, ou mesmo predisponente, da manifestação d'esta doença no hospital?

Quando a cholera-morbus invadiu o hospital de S. José, as enfermarias alojavam grande numero de doentes, numero superior áquelle que póde comportar hygienicamente a capacidade das enfermarias; consequentemente, se a accumulação de doentes é uma causa fortissima de enfermidades, e especialmente d'aquellas que grassam sob a fórma epidemica, não repugna admittir que esta causa pathoge-

nica figurasse no desenvolvimento de uma epidemia que estava imminente; não diremos como causa determinante, capaz de produzir só de per si a cholera-morbus, mas como causa occasional; como uma causa que provoca o apparecimento de uma doença qualquer sem determinar a sua natureza nem séde, e que, no caso de que tratâmos, excitou, promoveu a evolução da doença que já existia, mas no estado latente, para assim dizer; que estava em incubação, de que os individuos já possuiam o germen, os elementos necessarios para o seu desenvolvimento.

A causa determinante é o *virus*, o *quid*, o *agente cholerico*, ou como lhe queiram chamar. Sem a intervenção d'esta causa, haja o que houver, adultere-se de todos os modos imaginaveis a atmosphera de um local, que só por este facto não apparecerá ahi a cholera-morbus epidemica.

A accumulação dos doentes, pois, poderia favorecer o desenvolvimento da cholera-morbus como o de qualquer outra doença d'aquellas, que acommettem grande numero de individuos simultaneamente.

Póde ainda considerar-se a accumulação, a viciação do ar, ou qualquer condição má de localidade, como uma causa predisponente geral, que actuando sobre grande numero de individuos, os modifica e prepara para dadas doenças. O agente epidemico acharia aqui melhor terreno para desenvolver-se ou para gerar a doença que elle só póde originar.

D'este modo póde ter fundamento o suppor-se que a densidade da população doente contribuiu no hospital para o desenvolvimento da cholera-morbus asiatica, que ameaçava acommetter a capital.

Mas não se ligue a esta circumstancia maior importancia do que ella merece; não se creia que a accumulação de individuos, mesmo doentes, produz cholera-morbus; nem é uma lei inflexivel a eleição da cholera-morbus para os pontos mais densos e insalubres das povoações.

2

Se em Berlim, por exemplo, a epidemia preferiu, segundo o dr. Horn, as peiores localidades e os individuos desherdados da fortuna nas duas primeiras invasões da cholera-morbus á Europa, em Vienna d'Austria ella foi assentar sua séde, em 1831, nos bairros mais salubres e opulentos, mostrando uma especie de affinidade electiva muito pronunciada para as pessoas abastadas, que gosavam dos regalos ministrados pela boa hygiene, fazendo estragos muito maiores nos melhores bairros: é um facto incontroverso, attestado por testemunhas presenciaes e pelos historiadores da cholera-morbus asiatica. Na segunda epidemia, Vienna foi respeitada pelo inimigo cholerico, apesar da visinhança do flagello por Moldavia, Valachia, Galicia e Polonia. Facto analogo se passou na Suissa, por tanto tempo incolume, apesar de ter aberto suas portas a emigrados, tropas e a todas as communicações externas.

Aquelles que visitaram Lyon sabem como são as ruas d'esta industriosa cidade; beccos numerosos, irregulares, escuros, humidos e immundos; predios mui altos, notavelmente sujos, aonde se albergam accumulados numerosos operarios: pois aqui as duas primeiras epidemias não penetraram, e a terceira foi incomparavelmente mais branda que em outras localidades muito melhores sob o ponto de vista hygienico. No Egypto, segundo o dr. Willemin, a cholera progagou-se com maior rapidez e intensidade nos bairros os mais sadios e opulentos do Cairo e de Boulac.

Nas cercanias de París as emanações as mais fetidas, os vapores ammoniacaes os mais subtis, não pareceram ter a influencia malefica que se esperava; cita-se a moderação da epidemia nos concelhos de Gentilly, Clichy, Colombes, Grenelle, la Villette, apesar da sua visinhança de grandes fócos de infecção Em Smyrna houve notaveis desvios da epidemia para os melhores locaes: a accumulação da gente necessitada era notavel, e comtudo os estragos maiores verificaram-se nas habitações mais salubres.

Mas não precisâmos saír do nosso paiz para achar provas da these que defendemos. Portugal, não obstante os visinhos gemerem sob o jugo do monstro da epidemia, ficou incolume na sua segunda invasão; qual foi a causa d'esta immunidade? Em que bairro e rua de Lisboa rebentou com caracter verdadeiramente epidemico a cholera-morbus na sua primeira aggressão em 1833? Foi acaso em alguma das ruas ou beccos immundos, mal arejados, privados de luz, carregados de humidade, pejados de indigentes, do bairro d'Alfama ou do bairro Alto? Foi ao contrario no bairro de Belem, que passa por um dos mais favorecidos das condições hygienicas.

Na actual invasão da cholera-morbus em Lisboa, os primeiros casos tiveram logar no hospital de S. José; mas não foi na peior enfermaria; e fóra d'este, na cidade, o primeiro caso verificou-se no becco de Gaspar-Trigo, um dos mais immundos, certamente, do circulo sanitario do Coração de Jesus, a nosso cargo. Poucos dias antes da manifestação d'este caso tinhamos dirigido ao inspector do districto respectivo um officio, em que pintavamos com cores bem vivas o estado insalubre d'este becco e da maior parte de suas habitações; chegámos mesmo a predizer a irrupção da cholera-morbus n'este becco. Mas a realisação da prophecia foi uma mera coincidencia; e a prova está em não ter-se desenvolvido senão um caso n'este becco, e não ter havido nem um só, até hoje, na rua de Martim-Vaz, visinha d'este becco, nem no pateo do Surdo, na travessa das Freiras de Santa Anna, nem no pateo das Pretas, na travessa da Cruz, achando-se todas estas partes nas mesmas condições de insalubridade, se não peiores, que as do becco de Gaspar-Trigo; alem d'isso a cholera-morbus foi provocada n'aquelle individuo por uma forte indigestão de sardinhas, por conseguinte não ha necessidade de appellar para as más condições da localidade.

No circulo sanitario das Mercês, de que somos tambem visitador, o primeiro caso teve logar no pateo do Saldanha, na rua de Valle de Pereiro, ainda em pessimas condições

hygienicas; porém ao lado d'este está outro pateo ainda mais immundo e insalubre, aonde ainda não houve nem vislumbres de cholera. Os casos seguintes desenvolvidos n'este circulo tiveram logar em bellas localidades, em habitações hygienicas, e em individuos que passavam bem.

D'estes exemplos encontrâmos muitos, quando, em logar de nos contentarmos com as proposições geraes lançadas nos escriptos sobre este assumpto, se analysam os proprios dados estatisticos; é então que o espirito despido de todo o preconceito vacilla sobre a importancia de certas circumstancias na etiologia da cholera-morbus asiatica.

Portanto, é possivel, mas não demonstrado, que a densidade da população fosse causa predisponente ou mesmo occasional do desenvolvimento da cholera-morbus no hospital de S. José; mas nunca de modo algum a sua causa determinante.

Foi para destruir esta condição de insalubridade que a administração superior do hospital de S. José empregou todos os seus esforços para obter um edificio, para o qual removesse (o que já effectuou) um grande numero dos doentes, pela maior parte dos mais deteriorados, confectos de annos e de doenças, que tanto contribuiam para a accumulação no hospital. Era uma necessidade instante.

A administração deu um largo passo, fez um prestantissimo serviço aos doentes e a toda a capital, diminuindo a extensão de uma atmosphera impura, de uma das circumstancias mais nocivas á saude. Foi um nobre pensamento, foi uma grande medida, sempre salutar.

Temos considerado a cholera-morbus asiatica em respeito á sua evolução no hospital, e vimos até que ponto a accumulação podia figurar na sua etiologia, ponto este a que em outro logar daremos mais amplo desenvolvimento; passâmos agora a considerar a mesma doença nas differentes enfermarias, em respeito á sua evolução, progresso, declinação e recrudecencia.

Poderemos ainda recorrer á accumulação ou a alguma circumstancia especial para explicar a marcha, a persistencia da cholera-morbus no hospital de S. José? Recordemos rapidamente os resultados de nossa observação.

Temos visitado, por muitas vezes, as enfermarias do hospital, e temo-las confrontado sob o ponto de vista de sua população, condições hygienicas, e numero de doentes que foram atacados de cholera. Observámos então que havia enfermarias com maior numero de doentes, proporcionalmente, e menos favorecidas pelas condições hygienicas, fornecendo muito menor numero de cholericos que aquellas, que alojavam menor numero de enfermos e que se achavam em melhores condições de salubridade. Basta lembrar que a enfermaria de Santo Amaro, a peior de todas as do hospital, não deu victima alguma ao monstro da epidemia [1], em quanto que a de Santo Onofre, nova, bem ventilada, muito melhor situada, visinha d'aquella, as enfermarias de S. Sebastião, S. José, Santa Catharina, tambem muito melhores que a de Santo Amaro, têem fornecido um bom contingente para as enfermarias especiaes de cholericos. Na invasão da doença foi a enfermaria de Santa Chatarina a mais assolada pela epidemia; agora esta descansa, e a de Santa Quiteria, que lhe faz continuação, que está nas mesmissimas condições, é actualmente a fornecedora das victimas; tem-se n'ella concentrado o flagello.

D'esta simples exposição se deprehende que nem pela accumulação dos doentes, nem pelas condições hygienicas apreciaveis das enfermarias, se póde dar a rasão sufficiente do apparecimento e progresso da cholera-morbus n'esta ou n'aquella enfermaria do hospital de S José.

Com a transferencia de muitos doentes para o novo

[1] N'esta enfermaria têem havido dois casos de cholera, masd eram-se um em um individuo vindo de fóra do hospital já atacado, e outro em um doente transferido havia dois dias de uma enfermaria, em que grassava a cholera, e por conseguinte é muito provavel que este já estivesse tambem atacado da doença que estava em incubação. Nem um só dos doentes da enfermaria foi acommettido depois.

hospicio de invalidos ou cachecticos, no edificio das antigas recolhidas de Rilhafolles, com a diminuição das entradas de novos doentes no hospital, e com o augmento na saída d'aquelles que aqui estavam apenas acolhidos, pela circumstancia de no hospital haver cholera-morbus, o que incutiu terror em muita gente, as enfermarias do hospital ficaram desde então muito alliviadas, e hoje póde afoutamente dizer-se que não ha n'ellas accumulação.

Mas apesár d'isso o flagello tem insistido, e precisamente com maior força n'aquella enfermaria (Santa Quiteria) em que ha mui poucas doentes, e para onde foi defesa a entrada de outras doentes (!). É que o inimigo cholerico, amarando-se lá das margens do Ganges, não obedece a condições de salubridade ou outras que nos sejam conhecidas; prosegue independente a derrota que traçou á vontade.

O que se tem passado no hospital de S. José, e fóra d'elle na cidade, não nos surprehende, porque é a repetição do que muitas vezes tem succedido em outras localidades, que têem sido o theatro das scenas devastadoras da cholera-morbus.

As condições apreciaveis, de qualquer ordem que sejam, não dão conta da irregularidade do itinerario da cholera-morbus no globo, já em qualquer de suas grandes divisões, já em um reino, cidade, villa, aldeia, ou em um hospital. A historia nos aponta inteiramente intactas localidades da maior insalubridade, situadas no trajecto da linha, segundo a qual a epidemia se dilatava. Quantas vezes não tem ella retrogradado e ido invadir povoações, que havia poupado?

Em presença de excepções tão numerosas nas circumstancias que mais parecem favorecer o desenvolvimento da cholera, é impossivel formular regras geraes, que tenham um valor verdadeiro. A causa da immunidade de certas enfermarias, bem como a de algumas localidades, liga-se a circumstancias ainda desconhecidas. De ordinario nenhuma explicação satisfactoria se apresenta ao

observador, que fica reduzido a accusar os *caprichos do genio epidemico*, caprichos por certo muito extraordinarios.

Em summa, não é o grau de insalubridade que determina os pontos de eleição da cholera-morbus; se o fosse ella os visitaria por ordem, não pouparia muitos, e até aquelles que entretêem relações intimas com os visinhos fortemente atacados.

Portanto, não podemos explicar pela accumulação de doentes, nem por condições de insalubridade, ou outras apreciaveis, o desenvolvimento e progresso da cholera nas differentes enfermarias do hospital de S. José.

Não deve, todavia, escurecer-se que este estabelecimento de caridade, com quanto esteja muitissimo melhorado, e quasi que hoje não parece o mesmo, conserva ainda um vicio radical, inherente á sua construcção, que para ser anniquilado é forçoso crearem-se mais dois ou tres hospitaes em bons sitios da capital, pelos quaes se distribua grande parte dos doentes que se recolhem no hospital de S. José. A accumulação desappareceu n'este hospital, mas foi sómente em relação á capacidade do edificio, que sendo enorme aloja ainda uma grande população, e por conseguinte não póde satisfazer ainda ás exigencias da hygiene. A desaccumulação absoluta só se obtem pelo meio que indicámos, decompondo o grande hospital em dois ou tres hospitaes regulares.

As vantagens que d'esta medida devem provir são tantas e de tanta monta, que ficariam plenamente justificados e remunerados todos os sacrificios para a levar a effeito. É um acto que immortalisaria a administração ou o governo que o praticasse.

Continuando na investigação das causas da cholera no hospital de S. José, passemos a considerar a alimentação, que representa um papel importantissimo na etiologia das doenças em geral.

Qual é a alimentação dos doentes no hospital de S. José? Ha n'ella alguma particularidade que explique o desenvolvimento e marcha da cholera no hospital?

A alimentação ordinaria dos doentes compõe-se de carne de vacca, de vitella, gallinha, ovos, frangos, borrachos, peixe fresco, bacalhau, leite, lacticinios, varias especies de massa (macarrão, aletria, estrelinha, cevadinha), legumes seccos e verdes, féculas (tapioca, sagú, farinha), gelea, pão alvo, manteiga, chocolate, batatas, vinho de varias qualidades, fructa, doce, e os condimentos ordinarios; alem do que fica mencionado, manda-se buscar o que os facultativos pedem nas folhas das enfermarias. Todos os generos estão em bom estado e não são admittidos no estabelecimento sem previo exame e approvação de dois facultativos. Estas substancias alimentares são diversamente combinadas e em dóses determinadas pelas prescripções dos facultativos directores das enfermarias.

A alimentação dos doentes, pois, encerra todos os principios dos alimentos salutares; tem os dotes de uma boa alimentação, é uma alimentação mixta e variada. Esta alimentação conservou-se a mesma, sem modificação alguma, quando a cholera invadiu, pela primeira vez, o hospital; por conseguinte ninguem se lembrará de procurar n'ella a causa do desenvolvimento e marcha da epidemia.

Pela carestia dos cereaes e do preço muito subido do pão, houve quem lembrasse á administração do hospital de S. José e annexos o uso do pão da fabrica do ex.^mo^ sr. J. M. Eugenio, para substituir em parte, ao menos, o pão de primeira qualidade, que se distribuia pelos doentes, e que é de preço muito superior ao d'aquelle.

A administração do hospital consultou muitos facultativos sobre esta segunda especie de pão, os quaes todos acharam, depois de attento exame, este pão bom, e julgaram inteiramente innoxio que os doentes comessem d'elle. A administração, fundada na opinião de pessoas tão competentes, determinou que parte do pão de primeira qualidade das enfermarias fosse substituido pelo pão de segunda qualidade, o qual seria distribuido sómente pelos

doentes que os respectivos facultativos entendessem que podiam fazer uso d'elle.

Assim se introduziu no hospital o pão de segunda qualidade. Não se podia suspeitar que a nova especie de pão seria capaz de alimentar a cholera-morbus. Parece, comtudo, que algumas pessoas (provavelmente alheias á medicina) se lembraram de espalhar no publico, ás vezes nimiamente credulo, a interessante noticia, que a segunda especie de pão, recentemente introduzida no hospital, era não só optimo sustento para o inimigo asiatico, mas que tambem podia dar-lhe origem; que gosava da faculdade de o gerar. D'este modo a cholera-morbus no hospital de S. José era produzida e alimentada pelo pão de segunda qualidade. Maravilhosa descoberta; o effeito precedeu aqui a causa; o uso do pão de segunda qualidade foi posterior ao apparecimento da cholera-morbus, logo esta doença foi devida áquelle (!).

Considerando a composição do pão de segunda qualidade que foi para o hospital, não encontrámos elemento algum morbifico ou nocivo á saude. Prescindamos, porém, da composição do pão, limitemo-nos aos factos; seria a nova especie de pão a causa da evolução e progresso da cholera-morbus no hospital de S. José? É rasoavel suppor-se que este pão seja capaz de produzir a cholera-morbus asiatica?

Vejamos o que dizem os factos; lembremos rapidamente o que se tem passado no hospital.

A cholera-morbus rebentou em outubro passado no hospital de S. José, percorreu suas phases ordinarias e desappareceu, isto é, apresentou um periodo ou epocha de *crescimento* até attingir o seu apogêo; outro de *stadio* em que permaneceu quasi estacionaria, com a mesma intensidade, pouco mais ou menos; e o terceiro periodo de *declinação* até cessar de todo.

Passou-se algum tempo, sem que no hospital houvesse caso algum de cholera; parecia então extincta a epidemia.

Reapparece a doença, e percorre do mesmo modo seus periodos habituaes; no dia 3 de maio é introduzida no hospital a nova especie de pão; a epidemia fez treguas por quatro dias (3, 4, 5, 6 de maio).

Volta a doença ao quinto dia (7 de maio), atacando duas mulheres; começa pelo primeiro periodo ou de crescimento, vae em progresso, chega ao seu *maximum* de intensidade (dia 11), e começa a declinar; em todo este tempo continuou sempre nas enfermarias o uso do pão de segunda qualidade.

Corre o boato que este pão é a causa da irrupção e progresso da cholera-morbus no hospital; a administração superior, apesar de escorada no voto unanime de muitos facultativos, e de não haver relação entre a marcha da epidemia e o uso do novo pão, escrupulisa e manda suspender a compra e distribuição d'este pão pelas enfermarias. A cholera-morbus continua do mesmo modo o seu periodo de declinação em que já estava.

Em presença d'esta singela, mas exacta, narração, seria necessario fechar os olhos á evidencia dos factos e do raciocinio para admittir que a segunda especie de pão foi a origem da cholera-morbus no hospital.

Mas não entreteve, não contribuiu esta especie de pão para a manutenção da doença? Os mesmos factos e a marcha da doença repellem similhante supposição.

E na verdade, que relação houve entre a marcha da epidemia e o uso da nova especie de pão? Verificou-se acaso alguma modificação nos periodos da doença? Não foram elles os mesmos, não se mostraram na mesma ordem, com a mesma regularidade? É o que se vê claramente no mappa seguinte, que indica a marcha da doença, não só por todo o tempo em que se fez uso do pão de segunda especie, mas tambem em todo o mez de maio.

Quadro dos doentes atacados de cholera-morbus asiatica no hospital de S. José, desde o dia 1 até 31 de maio de 1856.

Mez	Dias do mez	Homens	Mulheres	Total em cada dia
Maio	1	–	1	1
	2	3	–	3
	3	–	–	–
	4	–	–	–
	5	–	–	–
	6	–	–	–
	7	–	2	2
	8	1	2	3
	9	1	6	7
	10	2	3	5
	11	5	9	14
	12	3	6	9
	13	3	2	5
	14	2	3	5
	15	1	2	3
	16	2	1	3
	17	2	1	3
	18	3	2	5
	19	1	1	2
	20	–	2	2
	21	–	–	–
	22	–	–	–
	23	1	–	1
	24	1	1	2
	25	1	–	1
	26	1	–	1
	27	–	–	–
	28	–	–	–
	29	–	–	–
	30	4	–	4
	31	2	2	4
Total geral nos 31 dias		39	46	85

Por toda a parte a cholera-morbus asiatica tem mostrado o mesmo caracter; nada ha, que nós conheçamos, que seja capaz nem sequer de a arredar de sua marcha

*

ordinaria. Desenvolveu-se a doença por duas vezes no hospital; na segunda succede serem acommettidos d'ella alguns doentes, posto que mui poucos, que fizeram uso de outra especie de pão, ficando a maxima parte d'elles immunes; logo aquelles doentes foram atacados porque comeram do tal pão (!).

Isto já não admira a quem é lido na historia das epidemias. Ha muitos exemplos do povo attribuir a doença reinante em uma cidade a uma causa puramente phantastica, ou que nenhuma relação entretem com ella. Em París, na epidemia de 1832, suppoz-se um envenenamento das aguas, e a elle se attribuiu o desenvolvimento da cholera-morbus; em 1833 em Lisboa referiu-se a epidemia ás batatas vindas de Inglaterra; em 1854, em Vigo, ás ostras. Tem-se mesmo observado, em occasiões de epidemia, o povo ser acommettido de uma especie de furor ou de loucura. Em París, quando grassava a epidemia cholerica em 1832, o povo sublevou-se e pretendeu aggredir as auctoridades e alguns medicos, culpando-os de envenenarem as aguas e de darem, a titulo de remedios, substancias que matavam os doentes (!). Ainda se não tinha descoberto a causa da epidemia actual no hospital de S. José; então era preciso acha-la forçosamente; nada mais commodo que referi-la á introducção da nova especie de pão. Não tem fundamento algum o attribuir-se a uma circumstancia d'esta ordem a producção e progresso de uma doença, que tem lavrado por toda a parte, sob condições as mais variadas.

Levemos mais longe a analyse dos factos; mostremos evidentemente a futilidade d'esta opinião sobre a influencia da segunda especie do pão no desenvolvimento da cholera-morbus. Dos registos officiaes tirámos os elementos necessarios para comparar as differentes enfermarias sobre tres pontos de vista, a saber—quantidade de pão da segunda especie consumido em cada enfermaria, sua população, e numero de doentes atacados de cholera, e isto em cada dia separadamente, em quanto teve logar a distri-

buição do novo pão pelas enfermarias, isto é, desde 3 até 14, inclusivè, de maio. Com estes elementos confeccionámos o seguinte mappa, em que está traçada a marcha da epidemia de dia para dia, e se torna facil confronta-la sob os pontos de vista mencionados.

Mappa das enfermarias do hospital de S. José e annexos, indicando, de dia para dia, a sua população, numero dos doentes atacados de cholera, e a quantidade de pão consumido em cada uma d'ellas, desde 3 até 14 de maio de 1856.

Enfermarias	Dias do mez	Numero total dos doentes	Doentes atacados de cholera	Quantidade de pão (arrateis)
S. José	3	66	–	10
	4	64	–	15½
	5	64	–	15
	6	64	–	16½
	7	67	–	16½
	8	68	–	16
	9	68	–	15
	10	67	–	13½
	11	68	1	15½
	12	60	1	15½
	13	59	–	14
	14	53	–	15
S. Sebastião	3	52	–	7½
	4	52	–	12
	5	57	–	12½
	6	57	–	12½
	7	57	–	13
	8	59	–	12
	9	59	–	13
	10	57	–	12½
	11	56	1	13
	12	57	–	13
	13	56	–	11½
	14	54	1	–

Enfermarias	Dias do mez	Numero total dos doentes	Doentes atacados de cholera	Quantidade de pão (arrateis)
S. Roque	3	64	–	7
	4	58	–	17
	5	59	–	15½
	6	63	–	13½
	7	68	–	14
	8	68	1	14
	9	69	–	17
	10	68	1	15
	11	63	1	17
	12	58	–	14
	13	60	2	12
	14	56	1	12
S. Miguel	3	40	–	14
	4	38	–	10
	5	38	–	10
	6	40	–	9½
	7	40	–	9½
	8	44	–	9½
	9	46	–	9½
	10	44	–	9
	11	45	1	8½
	12	38	–	9
	13	14	–	–
	14	12	–	–
Santo Antonio	3	65	–	45
	4	64	–	37
	5	66	–	36½
	6	65	–	40
	7	64	–	42½
	8	66	–	44
	9	66	–	45
	10	67	–	48
	11	67	–	45
	12	63	–	45
	13	59	–	45
	14	59	–	46

Enfermarias	Dias do mez	Numero total dos doentes	Doentes atacados de cholera	Quantidade de pão (arrateis)
S. Pedro	3	16	–	6 ½
	4	16	–	6
	5	16	–	6
	6	16	–	6
	7	16	–	6
	8	16	–	6
	9	16	–	6
	10	16	–	6
	11	16	–	6
	12	16	–	6
	13	16	–	6 ^{1}
	14	16	–	6
Santo Onofre	3	52	–	15
	4	49	–	30
	5	50	–	27 ½
	6	53	–	28
	7	53	–	29
	8	53	–	29
	9	53	–	29
	10	52	–	27 ½
	11	56	–	30
	12	52	–	31
	13	46	–	30
	14	47	–	30
Santo Amaro	3	54	–	22
	4	53	–	37 ½
	5	52	–	35
	6	53	–	35
	7	57	–	36 ½
	8	58	–	39
	9	58	–	40
	10	56	–	43 ½
	11	58	–	42 ½
	12	58	–	44 ½
	13	55	–	43
	14	52	–	39

Enfermarias	Dias do mez	Numero total dos doentes	Doentes atacados de cholera	Quantidade de pão (arrateis)
S. Francisco	3	48	–	20
	4	47	–	28
	5	46	–	29
	6	46	–	26
	7	48	–	28
	8	50	–	29
	9	54	–	30
	10	54	–	34½
	11	58	–	33½
	12	57	1	33
	13	53	–	30
	14	48	–	30
S. Carlos	3	24	–	10
	4	25	–	11½
	5	25	–	11
	6	28	–	11
	7	30	–	13
	8	31	–	12
	9	33	–	11½
	10	33	1	13
	11	–	1	15
	12	–	–	10
	13	–	–	9
	14	–	–	5
S. João Baptista	3	41	–	11
	4	40	–	18
	5	44	–	18
	6	44	–	19
	7	44	–	19
	8	43	–	18½
	9	43	–	17
	10	43	–	18½
	11	44	–	20
	12	43	–	18½
	13	35	1	16
	14	34	–	11

Enfermarias	Dias do mez	Numero total dos doentes	Doentes atacados de cholera	Quantidade de pão (arrateis)
Santa Çatharina	3	39	–	5 ½
	4	35	–	9
	5	34	–	8 ½
	6	32	–	8
	7	34	–	7
	8	36	–	8
	9	32	1	7 ½
	10	31	–	7 ½
	11	26	1	8
	12	28	3	6 ½
	13	26	–	5 ½
	14	26	–	6
Nossa Senhora do Carmo	3	38	–	5
	4	37	–	7 ½
	5	40	–	7 ½
	6	39	–	7
	7	42	–	8
	8	44	–	7
	9	43	1	8
	10	40	–	7
	11	36	1	7
	12	36	1	7
	13	34	–	5
	14	32	–	5
Santa Anna	3	38	–	5
	4	38	–	9
	5	35	–	9
	6	35	–	9
	7	34	1	9
	8	34	1	9
	9	36	2	9
	10	38	1	11
	11	37	3	8 ½
	12	37	–	8
	13	32	–	8
	14	37	2	5 ½

Enfermarias	Dias do mez	Numero total dos doentes	Doentes atacados de cholera	Quantidade de pão (arrateis)
Santa Quiteria	3	50	–	6
	4	51	–	15
	5	51	–	16
	6	49	–	15
	7	49	–	16
	8	50	–	15
	9	50	2	15½
	10	50	2	15
	11	30	3	7
	12	30	1	9
	13	24	2	8
	14	26	1	6½
Santa Margarida	3	48	–	–
	4	47	–	–
	5	46	–	–
	6	48	–	–
	7	48	1	–
	8	49	–	–
	9	47	–	–
	10	48	–	–
	11	49	–	–
	12	44	1	–
	13	45	–	–
	14	43	–	–
Santa Barbara	3	42	–	5
	4	40	–	11
	5	42	–	11
	6	41	–	15
	7	41	–	16½
	8	37	1	16½
	9	32	–	12
	10	35	–	13½
	11	36	–	11½
	12	38	–	13
	13	42	–	12½
	14	43	–	–

Enfermarias	Dias do mez	Numero total dos doentes	Doentes atacados de cholera	Quantidade de pão (arrateis)
Santa Joanna	3	40	–	5
	4	36	–	9
	5	37	–	8 ½
	6	39	–	11 ½
	7	41	–	11
	8	37	–	12 ½
	9	44	–	12
	10	36	–	9
	11	38	–	8 ½
	12	41	–	9 ½
	13	46	–	9
	14	35	–	8
Santa Maria Magdalena	3	72	–	25
	4	72	–	43
	5	71	–	37
	6	70	–	37
	7	70	–	40
	8	71	–	45 ½
	9	72	–	45
	10	71	–	47 ½
	11	70	1	46
	12	66	–	48
	13	64	–	–
	14	65	–	–
Invalidos	3	102	–	25
	4	103	–	63
	5	104	–	62
	6	104	–	63
	7	102	–	64
	8	101	–	63
	9	101	–	66
	10	102	–	61
	11	110	–	63
	12	110	–	62
	13	107	–	63 ½
	14	105	–	62

Enfermarias	Dias do mez	Numero total dos doentes	Doentes atacados de cholera	Quantidade de pão (arrateis)
S. Lazaro	3	60	-	30½
	4	60	-	45½
	5	60	-	46½
	6	60	-	48
	7	60	-	48
	8	60	-	48
	9	62	-	48
	10	62	-	49
	11	62	-	50
	12	62	-	50
	13	70	-	62½
	14	70	-	50
Rilhafolles	3	390	-	120
	4	392	-	340
	5	390	-	470
	6	390	-	530
	7	391	-	500
	8	391	-	430
	9	390	-	480
	10	389	-	500
	11	389	-	470
	12	389	-	412
	13	387	-	390
	14	387	-	360

Este mappa mostra: 1.°, que as tres enfermarias, em que o consumo do pão de segunda qualidade foi maior, não tiveram nem um só cholerico; e que ao contrario aquella (a de Santa Margarida), aonde não entrou d'este pão, deu duas cholericas; 2.°, as enfermarias mais assoladas pela epidemia foram aquellas, que fizeram pouco uso do pão de segunda qualidade; 3.°, que o augmento do numero dos doentes atacados de cholera n'estas enfermarias não teve logar nos dias

em que aqui se consumiu mais pão; 4.º, que o hospicio dos invalidos e os hospitaes de S. Lazaro e de Rilhafolles não tiveram um só caso de cholera n'aquelle periodo, apesar dos seus doentes terem comido muito pão da segunda especie; 5.º, que a cholera-morbus foi atacando as enfermarias antes na rasão inversa, que na directa, da quantidade de pão de segunda especie n'ellas consumido. No mappa seguinte sobresáe bem esta ultima circumstancia.

Mappa das enfermarias do hospital de S. José, indicando a sua população media, o numero absoluto dos doentes atacados de cholera, e a quantidade media do pão de segunda qualidade consumido em cada enfermaria, desde 3 até 14 de maio de 1856.

Enfermarias dispostas em serie descendente pela ordem do maior consumo do pão de segunda qualidade	Media diaria do pão consumido em cada enfermaria	Media diaria dos doentes de cada enfermaria	Numero dos doentes atacados de cholera nos 12 dias
Rilhafolles	416	389	–
Invalidos	59	104	–
S. Lazaro	48	62	–
Santo Antonio	43	64	–
Santo Amaro	38	55	–
Santa Maria Magdalena	34	69	1
S. Francisco	29	50	1
Santo Onofre	28	51	–
S. João Baptista	17	41	1
S. José	14	64	2
S. Roque	14	62	6
Santa Quiteria	12	42	11
Santa Barbara	11	56	1
S. Sebastião	11	37	2
S. Carlos	11	19	2
Santa Joanna	9	39	–
Santa Anna	8	33	10
S. Miguel	8	36	1
Santa Catharina	7	31	5
Nossa Senhora do Carmo	6	38	3
S. Pedro	6	16	–
Santa Margarida	–	46	2

Da inspecção d'este mappa pareceria dever tirar-se uma illação opposta áquella que se pretendeu fazer acreditar no publico=que o pão da fabrica do ex.mo sr. José Maria Eugenio foi o motor da propagação e conservação da cholera-morbus no hospital de S. José;=dir-se-ía antes que o pão da segunda especie não só não originou nem entreteve a cholera no hospital de S. José e annexos, mas que pareceu ser o seu preventivo ou antidoto, porquanto os que mais comeram d'elle nada tiveram da doença, em quanto que muitos dos que nem o provaram foram atacados do flagello. Note-se ainda, que o pão de segunda qualidade era distribuido pelos doentes ordinariamente convalescentes; ora d'estes raro foi o atacado.

O hospital de Rilhafolles foi cruelmente assolado pela epidemia cholerica no anno passado, e ali não entrou pão da segunda especie; este anno os doentes d'este hospital usaram em larga escala d'este pão, e nem um só teve ainda insultos da cholera. O hospicio de invalidos e o hospital de S. Lazaro, em quanto gastaram da segunda especie de pão, não apresentaram, como dissemos, nem um só caso de cholera; prohibiu-se a entrada d'este pão n'aquelles estabelecimentos, passados dias começam elles a ser acommettidos do flagello.

Qualquer que seja a face por que encaremos a questão chegâmos sempre a resultado identico: os factos todos se empenham á porfia para demonstrar peremptoriamente a nenhuma influencia do pão de segunda especie na producção e desenvolvimento da cholera-morbus no hospital de S. José.

Não adduziremos mais factos e argumentos para provar o absurdo da asserção que temos combatido, porque não vale a pena, e poderia parecer que ainda não estavamos satisfeitos, e ingenuamente afiançâmos que não tocariamos n'este ponto, se não constasse que o boato fez impressão em algumas pessoas de consideração.

Que inferir de tudo que deixâmos dito sobre etiologia da cholera-morbus no hospital?

Que no hospital não ha fóco algum especial de infecção; circumstancia alguma apreciavel pelos meios á nossa disposição, que dê conta satisfactoria da invasão da cholera-morbus n'este estabelecimento; circumstancia, cuja presença importe o desenvolvimento d'esta terrivel doença,—doença por extremo caprichosa, e que por todo o mundo tem illudido não só as diligencias empregadas para determinar a sua natureza e causa proxima, mas ainda, e o que é peior, todos os meios de repressão.

Entre nós não succede nada de extraordinario; dá-se exactamente o mesmo que tem acontecido por toda a parte em estabelecimentos de muita gente, quando são acommettidos pelo flagello asiatico.

A cholera-morbus rebenta de subito em um hospital; melhoram-se as condições dos doentes, as medidas sanitarias geraes são postas em pratica, e a despeito de tudo a doença progride, estaciona, declina, recrudece, retrocede, e desapparece quando lhe apraz. O facto é depois citado; fica archivado nos annaes da sciencia, porque é verdadeiro; mas a sua explicação plausivel? *manet alta mente repostum.*

Querer achar, por força, em uma localidade ou estabelecimento uma condição antihygienica para lhe outorgar o poder de gerar ou entreter uma epidemia, é correr após a illusão, é desconhecer a historia das epidemias, é postergar os dictames do bom senso.

A nossa opinião sobre a influencia das condições hygienicas na producção da cholera-morbus epidemica é ainda hoje a mesma que apresentámos em 1854 em uma memoria especial[1].

As más condições não são capazes de determinar a evolução d'esta doença; ellas poderão sómente favorecer o seu desenvolvimento, do mesmo modo que o fazem com qualquer outra doença; não ha aqui especialidade alguma

[1] Estudo sobre algumas das principaes questões da cholera-morbus pelo dr. P. F. C. Alvarenga; memoria premiada pela sociedade das Sciencias Medicas, 1854.

para com a cholera. Para que esta doença se manifeste em uma localidade, em um hospital, é forçoso que aqui chegue o *quid cholerico*, o agente especifico, cuja origem e natureza desconhecemos; que ainda é mysterioso para a intelligencia humana.

Como é que este agente apparece antes aqui que ali? como se estende de uma localidade a outra, ás vezes muito distantes, d'esta áquella enfermaria, que se não communicam, deixando intactas as intermedias? por que tem preferido a enfermaria de Santo Onofre, que mais se aproxima de uma enfermaria typo, e foge da de Santo Amaro, muito peior sob o ponto de vista hygienico? Ignorâmos, creio que todos o ignoram.

O agente morbifico invade uma enfermaria, um hospital; todos os individuos incluidos na orbita de sua influencia estão sujeitos a receber o golpe fatal, seja qual for a sua condição physica ou moral.

Portanto, a existencia de um *quid epidemico* é a condição primordial, indispensavel, essencial para a evolução da cholera-morbus asiatica; as más condições hygienicas serão um auxiliar de seu desenvolvimento, de sua propagação; bem entendido depois de já affectados os individuos, de já tocados pelo virus cholerico.

Nos hospitaes ha sempre uma rasão para a maior extensão e intensidade, proporcionalmente, que em estabelecimentos de outra ordem; é o atacar aqui o flagello organismos debeis, pouco aptos a reagir, já doentes e alguns gravemente. A força vital, já muitas vezes quebrada, tem então de lutar contra duas, tres ou mais enfermidades. Mas isto não é uma circumstancia especial ao hospital de S. José de Lisboa, é commum a todos os estabelecimentos d'esta ordem, e o peior é que não póde ser remediada.

Em resumo temos: que no hospital de S. José grassa a cholera-morbus asiatica; que esta doença se tem concentrado particularmente em algumas enfermarias; e que não ha causa alguma apreciavel, demonstravel pelos nossos meios de analyse, que dê a rasão sufficiente de sua

invasão, persistencia e predilecção para certas enfermarias.

Ainda uma circumstancia, que deve ser considerada, é o ter sido até hoje o hospital de S. José a enfermaria de cholericos de quasi toda a cidade. Effectivamente, as enfermarias especiaes de cholericos não só têem servido para os individuos atacados de cholera no hospital de S. José, mas tambem para os cholericos do hospital de S. Lazaro, os do hospicio de invalidos ou cacheticos, e para muitos cholericos conduzidos de differentes pontos da cidade, mesmo quando havia ordem para que estes fossem transportados para algum dos hospitaes especiaes de cholera estabelecidos na cidade. O hospital de S. José nunca recambiou doente que batesse ás suas portas, porque isso seria um acto de deshumanidade incompativel com o caracter e indole do estabelecimento. D'aqui resultava o haver no hospital de S. José não só maior numero de cholericos, mas de uma maneira contínua, e por conseguinte um fóco perenne de viciação da atmosphera e talvez de infecção.

Em todo este rapido estudo sobre as causas da cholera-morbus no hospital de S. José, temos omittido o que diz respeito ao aceio das enfermarias; muito de adrede temos feito esta omissão, porque é geralmente conhecido quão bem desempenhada é aqui esta parte da hygiene dos hospitaes: ainda ha poucos dias duas notabilidades medicas da Belgica, o Barão Seutin e Van den Corput, nas visitas que fizeram a este hospital, folgaram muito de ver a regularidade do serviço medico e o grande aceio das enfermarias, chegando mesmo a dizer que em algumas cousas quasi que havia luxo, como na qualidade do papelão, amido, ataduras, toalhas, etc., que lhes foram apresentadas e de que se serviram na applicação de alguns apparelhos. E na verdade, sob este ponto de vista o hospital de S José nada tem que invejar á maxima parte dos hospitaes, que visitámos em França, na Belgica e na Allemanha. Oxalá que nós podessemos dizer o mesmo ácerca dos meios de

ventilar e aquecer as enfermarias; porém, deve notar-se que esta parte da hygiene dos hospitaes, apesar de sua alta importancia, é nos nossos dias que tem tido a devida applicação, e ainda ha muitos hospitaes privados d'ella nas principaes capitaes da Europa, porque aquelles meios são dispendiosos; no entretanto esperâmos que entre nós se dará mais esta prova de progresso, e fazemos votos sinceros para que se realise esta importantissima condição de salubridade dos hospitaes.

Por conseguinte, pelo lado do aceio não penetrava a cholera-morbus no hospital de S. José.

Feita esta resenha e rapida discussão dos pontos capitaes da etiologia da cholera-morbus no hospital, passemos agora a uma outra parte, muito grave por certo, mas tambem muito espinhosa.

Quaes os meios de sustar o progresso da epidemia? qual o modo se não de rechaçar o inimigo cholerico, ao menos de lhe diminuir a intensidade de sua acção? que medidas se devem adoptar n'esta crise? que é o que os principios da sciencia e a observação da marcha d'esta terrivel doença nos aconselham n'estas conjuncturas?

Tendo em muita consideração o facto da concentração da epidemia cholerica em certos pontos, e ao da destruição dos fócos epidemicos pela sua divisão, julgâmos que a melhor medida, a mais rasoavel, na actualidade, será a remoção dos doentes, ainda não acommettidos pelo flagello, do ponto de concentração da epidemia e para longe do fóco cholerico.

Escolham-se tres ou quatro edificios adequados em boas localidades, e por elles se dividam todos os doentes do hospital, excepto os cholericos; estes continuarão a ser tratados no mesmo hospital, só com a differença de os repartir por tres ou quatro das melhores enfermarias, de modo que cada uma d'ellas contenha pequeno numero de cholericos: d'este modo se conseguirá a divisão do fóco, e mais facil será a sua extincção. Na distribuição dos doentes pelos hospitaes provisorios haja sempre o mais

desvelado empenho em evitar a accumulação, já absoluta, já relativa.

Feita a remoção dos doentes e a divisão do fóco epidemico, empregar-se-hão pelo tempo necessario todos os meios possiveis para arejar as enfermarias devolutas do hospital, as quaes devem tambem ser novamente raspadas, caiadas e pintadas.

Vejamos quaes são os factos e considerações em que se estriba esta medida, e quaes as objecções que se lhe podem apresentar, e o seu valor.

Consultemos a historia das epidemias de cholera, e notemos o modo por que esta doença se comporta, quando invade um estabelecimento, em que de ordinario se reune grande numero de individuos. D'este conhecimento desceremos á analyse da medida, e discutiremos se ella é vantajosa ou nociva, quer para os doentes do grande hospital da capital, quer para os habitantes d'esta cidade.

Rebenta a cholera-morbus asiatica em uma povoação, em um estabelecimento de muitos individuos, em um hospital; os primeiros casos são ordinariamente fataes, e frequentemente em horas. O mal não cessa; propaga-se ao contrario, e ás vezes com tal intensidade e rapidez que raro é aquelle que escapa á sua influencia mortifera; succede mesmo que nenhum individuo póde subtrahir-se ao golpe fatal; do estabelecimento só resta o material, e um material infecto. Caso identico se tem dado em habitações particulares [1].

Outras vezes a doença manifesta-se no estabelecimento, progride lentamente, assalta alguns pontos com particularidade, até mui distantes entre si, e concentra-se n'elles. Transpõe de subito estes limites, propaga-se em grande extensão, e eis uma forte explosão, que ferindo mortal-

[1] Ainda ha bem poucos dias que em Lisboa, na Travessa da Horta da Cera, n.º 16, freguezia de S. José, tivemos um terrivel exemplo; toda a familia que ali morava foi victima, dentro em horas, da cholera-morbus.

mente grande numero de individuos, ameaça metter todos no circulo de sua devastação.

Serena a tempestade, cura-se dos doentes que escaparam ao naufragio, a epidemia vae em declinação, tudo promette bonança.

Mas é uma apparencia illusoria. Surge nova tormenta, o perigo é maior; eis uma segunda explosão que apanha incautos os pouco experientes. O mal não se havia extincto de todo; tinha-se remittido apenas.

Estas scenas repetem-se, mais ou menos vezes, mostrando sempre o genio epidemico tendencia para se concentrar n'esta ou n'aquella localidade, n'esta ou n'aquella parte do estabelecimento, que lhe serve como de ponto de partida para as suas excursões, e ao qual abandona depois para se fixar n'outro.

Consultam-se então os ventos, observam-se os astros, interrogam-se as aguas, analysa-se o ar, tudo passa pelo campo do microscopio, e em tudo se vê um fóco de infecção (!). Só o germen epidemico se evadiu, tudo o mais ficou sabido. As descobertas foram muitas, os elixires preservativos e curativos operaram bem, produziram maravilhas, principalmente para o fim da epidemia; estabelecem alguns a sua *reputação* com os methodos de tratamento inteiramente *novos;* sómente morreu muita gente, e os conscienciosos não sabem a que devam attribuir os poucos casos felizes dos variados tratamentos que empregaram.

Se, pois, é um facto quasi constante, ou pelo menos predominante, a concentração da cholera-morbus epidemica em dados pontos de uma cidade, de um estabelecimento[1]; se ella tem tendencia para d'ali assaltar outros

[1] Actualmente é clara esta tendencia da epidemia não só no hospital, mas tambem na capital, como mostram os noticiarios epidemicos que temos publicado na Gazeta Medica. Effectivamente, é no districto sanitario oriental, no qual está incluido o hospital de S. José, que a epidemia mais tem grassado; nos primeiros quinze dias de maio todos os casos de cholera, excepto dois, se verificaram n'este districto, e nos ultimos dezeseis dias do mesmo mez apenas houve alguns casos no districto occidental, em quanto que a doença continuou com força no oriental.

pontos aonde estabelecerá sua séde, abandonando os primeiros; se não ha meio algum therapeutico ou methodo de tratamento, em que possa depor-se segura confiança para fazer face ás aggressões do agente cholerico; que resta fazer para livrar os doentes sujeitos á sua influencia[1]? Remover os individuos do ponto atacado para outros ainda intactos ou livres do flagello. O agente cholerico então privado de alimento não poderá subsistir, o germen da epidemia não se desenvolverá, e prevenir-se-ha a formação do grande fóco, que poderia dominar toda a povoação.

A objecção a esta medida é que pela remoção dos doentes para tres ou quatro pontos da cidade poderia originar-se ahi outros tantos fócos, e d'este modo contribuir para a disseminação da doença pela cidade.

Mas para que assim se produzam estes novos fócos é necessario que os doentes importem a doença, e para isso elles devem estar já atacados d'ella ou terem em si o germen, que mais tarde se desenvolverá.

Dos primeiros não ha que receiar porque esses ficam no hospital; em quanto aos segundos, que certeza ou probabilidade ha que elles estejam já infeccionados, ou incubando a doença?

Não consta ainda que entre nós algum facultativo, ou outro empregado do hospital, transportasse a doença para fóra d'este estabelecimento. Nós que tão de perto observâmos os cholericos, tanto em vida como nas autopses, mettidos muitas horas por dia no fóco, ainda não vimos desenvolver-se um só caso nas familias que visitâmos. Quando a cholera grassava no hospital de S. José, foram d'aqui transferidos, no dia 9 de abril do corrente anno, para o novo hospicio de invalidos, cento e tantos doen-

[1] A opinião, que emittimos em 1854 em nossa citada memoria, contraria á geralmente recebida e altamente proclamada pela medicina ingleza, vae sendo corroborada, de dia para dia, com os factos que temos observado na actual epidemia, e muito folgámos de a ver partilhada actualmente pelo novo conselho de saude de Inglaterra e pelo sr. dr. Bernardino Antonio Gomes, auctoridades mui competentes. vid. Gazeta Medica de Lisboa n.º 82 de 1856.

tes, a maior parte em deploravel estado de saude, tirados das differentes enfermarias; nos dias seguintes fizeram-se outras conducções; nem um só caso de cholera se desenvolveu na nova habitação; ao contrario os doentes pareciam mais animados. Foi no dia 26 de maio, isto é, quarenta e sete dias depois da primeira conducção, que appareceu o primeiro caso de cholera no hospicio, que se foi repetindo nos dias seguintes: ora aqui, a cholera não se desenvolveu por os doentes já a terem trazido do hospital de S. José, nem mesmo em germen, porque ninguem admitte uma incubação da cholera de quarenta e sete dias. Alem d'isso deve notar-se que alguns dos casos de cholera deram-se em doentes recentemente entrados no hospicio, e tendo vindo não do hospital de S. José, mas directamente de fóra, de varios pontos da cidade.

Mas figuremos o caso peior; supponhamos que os doentes, que vão ser removidos, estão já contaminados; será isso rasão sufficiente para rejeitar a medida? haverá ou não ainda vantagem tanto para esses doentes como para a povoação na execução da medida proposta?

Se os doentes ficassem no hospital elles constituiriam um fóco immenso, no caso supposto; pela remoção d'estes doentes do modo indicado, evitava-se a formação d'esse grande fóco, conseguindo-se a sua divisão em tres ou quatro fócos muito mais pequenos; ora, é precisamente d'este modo que se póde obter mais facilmente a extincção dos grandes fócos. Os pequenos fócos parciaes collocados em um ambiente puro, em circumstancias as menos proprias para o seu desenvolvimento, são mais promptamente suffocados, segundo a expressão ingleza; a sua influencia sobre a povoação seria menos energica que a do fóco inteiro, porque a sua força está dividida[1]. A historia nos offerece exemplos da extincção da epidemia em

[1] E se os nimiamente escrupulosos quizessem sujeitar os doentes transferidos a uma quarentena previa em um edificio adequado, quereriamos antes (é com repugnancia que isto escrevemos) subscrever a sua opinião que privar os doentes do melhor meio de salvação de que nos lembrâmos.

localidades pela dispersão dos doentes ou divisão dos fócos. É este tambem o melhor modo de operar a verdadeira desaccumulação dos doentes, tanto absoluta como relativa.

Portanto, a medida que propomos tem uma solida base, está escorada em factos de observação; d'ella deve resultar vantagem tanto para os doentes como para a povoação. A extincção de uma epidemia em uma povoação interessa a todos, porque a todos póde ella chegar; consequentemente, convem que as auctoridades encarregadas de velar pela saude publica esgotem todos os meios ao seu alcance para destruir a epidemia.

Devemos advertir que encarâmos o assumpto, de que nos temos occupado, pelo lado scientifico, o unico que nos compete e sobre o qual somos consultados; a questão economica, aquella que muitas vezes decide da adopção ou rejeição das grandes medidas, não nos pertence, nem possuimos os dados necessarios para a sua solução.

Em quanto se não executa a medida proposta ou outra similhante, aconselhâmos que a enfermaria de Santa Quiteria, actualmente muito mais flagellada e aonde parece concentrada a epidemia, seja quanto antes evacuada, e defeza a entrada de novos doentes para ella. Que todos os doentes do hospital de S. José convalescentes, e a quem o ar livre não seja nocivo, vão passeiar todos os dias pela manhã e á tarde pela quinta do hospital; e que se empreguem todos os meios possiveis para operar a ventilação das enfermarias.

FIM.